

## CRÔNICA: DO JORNALISMO À LITERATURA; DE PARIS A MANAUS

Esteban Reyes Celedón (UFAM)<sup>1</sup>

**RESUMO:** É consenso que sem jornal não há crônica moderna; o jornal e a crônica têm algumas bases em comum, como por exemplo, falar do tempo presente, do agora, da cidade; mas também têm as suas diferenças, que as determinam e as singularizam. O jornal trabalha com a notícia; a crônica trabalha a notícia e a desdobra, a transforma em literatura. O jornal e a crônica são antigos, tem história. O jornal começa com o Império Romano; a crônica já está na Bíblia. Porém, eles evoluem: o jornal torna-se periódico; a crônica, gênero literário. Em Manaus não é diferente. Os manauaras, do passado século, também se acostumaram a ler as crônicas em jornais. Contudo, o sucesso é tão intenso que se faz necessário passar do jornal ao livro, fato que, de certa forma, confirma o valor literário da crônica. O objetivo deste trabalho é apresentar e analisar algumas crônicas contemporâneas de três ilustres amazonenses: Milton Hatoum, Tenório Telles e José Aldemir de Oliveira. Pretende-se evidenciar as características de três tipos diferentes de crônicas: ficcional, poética e urbana. Mas, antes, uma pequena introdução da origem do jornal e da crônica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crônicas urbanas, Crônicas manauaras, Milton Hatoum, Tenório Telles, José Aldemir de Oliveira.

**RESUMEN:** Es unánime de que sin periódico no hay crónica; el periódico y crónica tienen alguna base en común, por ejemplo, hablar de este tiempo, del ahora, de la ciudad; pero también tienen sus diferencias, que las determinan y las singularizan. El periódico trabaja con la noticia; la crónica trabaja la noticia y la desdobra, la transforma en literatura. El periódico y la crónica son antiguos, tienen su historia. El periódico empieza con el Imperio Romano; la crónica está en la Biblia. Pero, los dos evolucionan: el periódico tiene circulación diaria; la crónica será un género literario. En Manaos no es diferente. Los manauenses también se acostumbraron a la lectura de las crónicas de los periódicos. Sin embargo, el éxito es tan intenso que es necesario pasar del papel para el libro. Hecho que, de cierta manera, confirma su valor literario. El objetivo de este trabajo es presentar y analizar algunas crónicas contemporáneas de tres amazonenses ilustres: Milton Hatoum, Tenório Telles y José Aldemir de Oliveira. Se pretende evidenciar las características de tres tipos diferente de crónicas: ficción, poética y urbana. Pero, antes, una breve introducción al origen del periódico y de la crónica.

**PALABRAS-CLAVE:** Crónicas urbanas; Crónicas manauenses; Milton Hatoum; Tenório Telles; José Aldemir de Oliveira.

### INTRODUÇÃO

A palavra crônica tem sua origem no grego, *khronos*, que pode ser traduzida ao português por tempo; refere-se ao tempo cronológico, ou sequencial, o tempo que pode ser

---

1 Doutor em Letras Neolatinas pela UFRJ. Professor do curso de Letras – Língua e Literatura Espanhola e do Programa de Pós-graduação em Letras na UFAM. Líder do Grupo de pesquisa A crônica brasileira: dilemas, paradoxos e soluções de um gênero moderno. Atualmente é Pós-doutorando em Estudos da Tradução no PGET-UFSC, onde também faz parte do Grupo de pesquisa Núcleo Quevedo Estudos Literários e Traduções do Século de Ouro.

medido, está associado ao movimento linear das coisas terrenas, com um começo (ou princípio) e um término (ou fim). Como nossa vida, que começa quando nascemos e termina quando morremos; como o ano, que começa dia primeiro de janeiro e termina dia trinta e um de dezembro. Os gregos também tinham palavras que designavam outros tempos: *Kairós* (um momento indeterminado no tempo) e *Aíôn* (um tempo sagrado e eterno). Mas, não são estes tempos os que nos interessam aqui. Fiquemos com a primeira definição. A partir de *khronos* surgiu a palavra *chronikós*, “relacionado ao tempo” (cronológico). Já no latim havia a palavra *chronus* e desta surge *chronica* que definia um determinado tipo de gênero literário que fazia o registro de acontecimentos históricos.

A crônica existe como gênero literário desde a Idade Antiga como podemos constatar na Bíblia, como registro de eventos ocorridos, ou seja, trata-se de outro tipo de narrativa, diferente à atual. O surgimento do jornal também é remoto, ano 59 antes da nossa era e se chamava *Acta Diurna*; o primeiro jornal nasceu do desejo de Júlio César de informar os romanos sobre os acontecimentos sociais e políticos e também divulgar eventos. O jornal foi evoluindo com o tempo; no século XVII, na Europa, aparecem os primeiros jornais com publicação periódica. A crônica também evoluiu, passou a retratar a realidade social, a política, os costumes e o cotidiano, sendo difundida em jornais e folhetins; foi publicada pela primeira vez em 1799 no *Journal de Débats* em Paris. Dessa maneira, escritores usavam as crônicas para registrar os fatos ou acontecimentos contemporâneos de modo mais literário que jornalístico. Essa característica coloca as crônicas entre esses dois gêneros; além disso, o cronista inclui um toque próprio adicionando em seu texto elementos como ficção, fantasia e criticidade, recursos típicos da Literatura (conto, ensaio). O cronista utiliza uma linguagem aparentemente simples, oral, informal, coloquial e espontânea na tentativa de aproximar o texto ao leitor; ela requer, de seu autor, técnicas apuradas não só de jornalismo, mas também de literatura.

A crônica chega à América do Sul; as principais capitais das novas nações têm seus jornais, e neles incorporam as crônicas. É o que acontece em Buenos Aires, Santiago, Caracas e Rio de Janeiro. No Brasil, é acolhida e adotada pelos principais escritores. Podemos afirmar que José de Alencar e Machado de Assis são os mais destacados cronistas do século XIX. Muitos leitores além de conhecerem *Luciola*, também leram “Máquinas de coser”; qual é o estudante de Letras que não tenha lido “O velho Senado” ou “O nascimento da crônica”?

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor

aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica. (ASSIS, 2007, p.27)

O século XX é palco do auge das crônicas brasileiras e a Cidade Maravilhosa se converteu em capital da crônica urbana. Os grandes cronistas ou são cariocas ou tornam-se filhos adotivos. Desta forma, João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto passou a ser chamado de João do Rio (autor de *A alma Encantadora das Ruas*, publicada em 1908); e o capixaba Rubem Braga, morador ilustre de uma cobertura em Ipanema, passa a ser o único grande escritor brasileiro que só escreve crônicas (em 1936 publica seu primeiro livro de crônicas, *O conde e o passarinho*).

Mas, como definir esta nova crônica urbana? Para Milton Hatoum:

A crônica é uma breve visão da realidade elaborada pela literatura. Pela mão de um escritor. É quase como uma breve aparição. É uma espécie de poesia do cotidiano. É o momento lírico do cotidiano. Mas nesse momento lírico cabe tudo. Cabe a política, cabe a sua visão sobre as coisas, sobre o tempo. A crônica tem mais força quando transcende o tempo presente, se transformando numa janela aberta para outros voos e outras viagens. (CULT, 2013)

Hoje, a crônica faz parte de toda grande cidade. Nossa Manaus conta com um número significativo de cronistas que, a cada semana, nos agraciam com seus textos, seja em jornal e/ou Internet. Alguns são manauaras; outros do interior que adotaram a capital amazonense como lar; há os que aqui nasceram, mas que, por motivos diversos, hoje, olham e escrevem desde a distância. O que aqui mais nos interessa é a existência exitosa deste gênero híbrido (literário/jornalístico), o qual nos presenteia com sublimes manifestações impressas e/ou digitais, em jornais e/ou livros disponíveis para o bom apreciador da literatura curta manauara.

## 1. A CRÔNICA MANAUARA

Se bem a crônica nasce no jornal, como acabamos de dizer, com o decorrer do tempo, ela vai invadindo ou se apropriando de outros meios de comunicação em massas, até chegar hoje à internet, passando pelas revistas, livros, rádio e televisão. Em Manaus, a crônica, com o surgimento da Rádio Difusora, também passou a ser ouvida na voz do seu fundador, Josué Cláudio de Souza (Itajaí, 1910 - Manaus, 1992). Para o conhecimento dos mais novos e lembrança dos mais experientes manauaras:

A Rádio Difusora do Amazonas foi ao ar pela primeira vez no dia 24 de novembro de 1948. No primeiro dia, Josué anunciou: “Está no ar a Rádio Difusora do Amazonas, estação ZYS-8, a mais poderosa da planície e a mais

querida de Manaus, operando na frequência de 4.805 kilociclos, ondas intermediárias de 62,40 metros”...

Desde a inauguração da rádio, Josué Pai, como chegou a ser conhecido, passou a ler a sua crônica diária. Ao meio-dia, de segunda-feira a sábado, acompanhando as badaladas do sino da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Manaus parava para ouvir a ‘a Crônica do Dia’. (D24AM, 2010)

Também podemos considerar como crônica o livro de Mário Ypiranga Monteiro (Manaus, 1909-2004) *O Espião do Rei* (Crônica histórico-novelesca), editado por primeira vez em Manaus no ano de 1950, com segunda edição revisada e ampliada, a cargo da Editora Valer, em 2002. No site do Centro Cultural Povos da Amazônia, a página dedicada a Mário Ypiranga nos informa que:

O aspecto social e urbanístico de Manaus, em princípios de 1820, era muito diferente do atual que constitui a área da cidade velha. Podemos jurar que, daquele período, nada mais resta para ser mostrado aos curiosos de velharias históricas. Vamos, portanto, antes de relatarmos os sucessos que aqui tiveram lugar, por ocasião do reinado do enxundioso Dom João VI, levar o leitor a conhecer os trechos mais pitorescos da Barra. Pitorescos, dissemos nós? Talvez sim, mas não precisa ninguém chasquinhar dessa pretensão honesta do escritor. Como todo burgo em formação, o de São José da Barra do Rio Negro possuía as suas curiosidades, dignas de registro. (POVOSDAMAZONIA)

Poucos anos depois, é publicado o livro *Matadores de Esperança* do advogado e escritor Aristófanes Castro, editado por Sérgio Cardoso & Cia. Ltda., na própria Manaus, no ano de 1958 – há uma edição de 1966 -. Apesar de que o autor apresenta o livro como uma coletânea de contos, podemos lê-los como crônicas da época. E assim, poderíamos relacionar muitas outras publicações, do passado século, que se encaixam na definição de crônicas e que foram escritas nesta cidade de Manaus.

No século XXI, com a divulgação da Internet, podemos encontrar, neste meio de comunicação, inúmeras crônicas manauaras. O interessante é que são os próprios leitores que cobram dos cronistas uma edição impressa em livros, como nos revela o escritor Milton Hatoum numa de suas entrevistas (YOUTUBE, 2013).

E por falar em Hatoum e em livros de crônicas, passamos à segunda parte deste trabalho, onde falaremos de três cronistas da região que têm em comum o fato de escreverem em jornal e depois terem publicado algumas crônicas selecionadas, em, pelo menos, um livro.

## **2. CRONISTAS MANAUARAS**

### **2.1 MILTON HATOUM**

Começamos, então, por Milton Hatoum, cidadão manauara nascido no ano de 1952, escritor e um dos grandes nomes da literatura brasileira contemporânea, ensinou literatura na Universidade Federal do Amazonas e na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Autor de diversas obras, entre contos, romances, crônicas, poesias, críticas, traduções, além de parcerias como a que fez com o escritor e filósofo Benedito Nunes no livro *Crônicas de duas cidades*. Teve seu trabalho reconhecido por diversas premiações na área literária (como o prêmio Jabuti). Atualmente vive em São Paulo.

*Um Solitário à Espreita* é seu último livro, lançado em 2013 pela Editora Companhia das Letras.<sup>2</sup> A obra reúne noventa e seis crônicas que foram publicadas em jornais e revistas nos últimos dez anos. O volume é dividido em quatro partes – dança da espera; escorpiões, suicidas e políticos; adeus aos corações que aguentaram o tranco; e, dormindo em pé com meus sonhos.

Entre esses textos, vários têm um viés mais literário. Como o autor menciona na nota introdutória, seus textos “podem ser lidos como crônicas, contos ou breves recortes de memória. Não poucas vezes o gênero literário depende da expectativa do leitor.” (HATOUM, 2013, p.8).

A crônica como gênero literário possui a característica de ser um resultado da visão pessoal e particular do cronista diante de um fato qualquer. Entre os temas que Hatoum discorre nesta obra têm-se língua e literatura, a realidade, a memória (às vezes inventada) e os afetos. Conhecido por misturar experiência, memórias e ficção com o contexto sociocultural da Amazônia em seus romances, Hatoum também aplica essa mistura nas crônicas. Em entrevista à *Revista Cult*, revela-nos:

Eu não tive tempo para escrever crônicas. Até que recebi um convite da revista *Entre Livros*. Antes eu não havia sido convidado para escrever crônica na imprensa. Crônicas esparsas sim, mas não periódicas. Nesses dois anos [2005-7, período de duração da revista] fui um cronista regular. Nem todas as crônicas da *Entre Livros* foram selecionadas. Eu privilegiei as mais literárias, que têm relação com a memória, com a ficção. Crônicas inventadas. Eu tirei algumas políticas e até me arrependo. (CULT, 2013)

Hatoum justifica o título do seu último livro, “porque no fundo o cronista é um observador à espreita. O cronista é aquele que olha com atenção e tenta explicitar o que viu” (CULT, 2013).

---

2 Para este ano, esperamos o lançamento do primeiro volume do seu novo romance *A Noite da Espera*. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

Quando Mariana Marinho, da Revista Cult, pergunta a Milton Hatoum sobre o episódio narrado na crônica “Um solitário à espreita”, que dá nome ao livro, se “de fato aconteceu?”, o escritor responde:

É um pouco verdade. Mas só um pouco. Porque a verdade da literatura está no texto. Você acreditou?

...

Então é isso. Em qualquer texto ficcional a verdade é aquilo que poderia ter acontecido e não exatamente o que foi. Ando muito por São Paulo e por onde vou eu observo muito. Vamos dizer que essa crônica reflete um pouco dessas observações. Os diálogos são consequência de coisas que ouvi aqui e ali e que juntei e dei uma forma pessoal e literária. A crônica não é estritamente verdadeira no sentido de que não aconteceu exatamente assim. Aconteceu assim na minha cabeça. Mas fiquei contente que você tenha caído na minha armadilha.

...

Mas o leitor tem que se deixar levar por isso. Esse é o pacto entre o leitor e o texto falado por Umberto Eco. Se você não acreditar naquilo e naquele momento, então, não vale. (CULT, 2013)

Parece ingenuidade da jornalista pensar que essa crônica “de fato aconteceu”. Trata-se de duas páginas transcrevendo um diálogo que o autor teria ouvido num bar. Como lembrar de tantos detalhes?:

ÀS DUAS DA MANHÃ do primeiro dia do ano escutei num bar a conversa de um casal. Não fui indiscreto: o par falava alto, era um papo para ser ouvido. E olha que chovia uma chuva de canivete, com relâmpagos e trovoadas. Pesquei a conversa no meio.

“Não consulto oráculo nem sou cartomante”, ela riu. “Aliás, quem pode ser adivinha...”

“Adivinha o quê?”, ele perguntou.

“Não te pedi para adivinhar nada. Eu disse que não era uma adivinha.”

“Ah!”

“Só espero que os prefeitos eleitos enterrem a praga nacional”, ela disse.

“Qual praga?”

“O superfaturamento.”

“Das obras?”

“De tudo, até da merenda escolar. São capazes de superfaturar até a sopa para mendigos e desabrigados.”

“Mas alguns políticos fazem isso”, ele disse.

“A sopa? Superfaturamento da sopa? Como?”

“O macarrão e a carne da sopa podem ser superfaturados. O óleo do tempero e até o tempero...”

“Que coisa horrorosa”, ela disse.

“O problema não é a corrupção, que existe em todos os continentes. Nosso problema é a...”

*Relâmpagos com trovoadas.*

...

“A chuva está passando. Quero ir pra casa. O bar está vazio, só ficou esse bêbado”, ela disse.

“E aquele cara ali, que está ouvindo a nossa conversa.”

“Um solitário”, ela disse. (HATOUM, 2000, p.170-171)

Como todo bom cronista, que anda pelas ruas da cidade a observar os detalhes do trivial, Milton Hatoum também deve prestar atenção aos diálogos dos cidadãos, dos outros andarilhos como ele. Porém, de aí a lembrar com tantos detalhes de uma conversa de bar, possivelmente bêbado, sozinho uma noite de ano novo!? Isso é ficção, essa é narrativa de qualidade, é Literatura.

Hatoum é um ficcionista, sabe e gosta de trabalhar a ficção; tem escrito romances e contos; gosta dessa fronteira tênue entre o conto e a crônica, entre a ficção e a “verdade” (ou possibilidade, verossímil diria Aristóteles). Lembremos que, ao contrário do que alguns possam opinar, não há literatura sem ficção, assim como não há literatura sem autor.

O trabalho do escritor é um verbo que se conjuga na primeira pessoa do singular, é uma atividade solitária. “No livro, há também textos pessimistas, uma herança machadiana e roseana. Sou um escritor sem ilusões” (CULT, 2013), afirma Hatoum, e continua:

eu roí uma pupunha para reescrever. Passei meses reescrevendo as crônicas e depois fiz a seleção. Deu um trabalho do cão. As pessoas dizem que a crônica é um texto simples, mas não é. Essa leveza é uma leveza que passa pelo crivo da linguagem. Não dá para escrever uma crônica cifrada, hermética, difícil. (CULT, 2013)

Hatoum, assim como outros cronistas, afirma que a crônica pode ser ambígua, nem sempre é real, às vezes pode ser muito ficcional:

Essa ambiguidade entre o real e o ficcional está sempre presente na literatura... “você sempre paga um dízimo ao real”... O que importa é essa ambiguidade. É o que poderia ter acontecido...  
As crônicas são basicamente ficcionais. Por isso o leitor não deve ligar essas informações a minha biografia. (CULT, 2013)

Como podemos constatar, as crônicas de Milton Hatoum são basicamente ficcionais; memórias sim, mas memórias inventadas. Por mais que algumas crônicas tenham sido inicialmente publicadas em jornal, são ficção, são invenção, são literatura, e tem um autor, conhecido por todos (que não morreu), que escreve um texto (a crônica), para um leitor real (que não é implícito nem ideal; ele existe, tem olhos que leem, mãos que seguram o jornal ou livro ou tela digital).

## 2.2 TENÓRIO TELLES

Tenório Telles nasceu no dia 2 de setembro de 1963, às margens do rio Purus, numa localidade chamada São Tomé. É licenciado em Letras (1989), com habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Amazonas, onde também bacharelou-se em Direito,

em 1996. A 26 de outubro de 2001 tomou posse na Academia Amazonense de Letras, ocupando a cadeira N.º 16. (TELLES, 2009). Também é dramaturgo, crítico literário e pesquisador; faz anos que publica, toda semana, suas crônicas, fazendo delas um resumo, ou melhor, um ponto de vista singular do cotidiano do manauara, seus personagens, histórias, de uma forma irônica e poética, principalmente poética.

Viver é seu primeiro livro exclusivamente de crônicas, publicado no ano de 2011 pela editora Valer, onde trabalha, já está na sua terceira edição. Traz uma belíssima apresentação de Zemaria Pinto que abre o livro de 24 crônicas. Reproduzimos o primeiro parágrafo desta apresentação:

A crônica, enquanto gênero literário, sofre de incompreensão crônica: ora confundida com o conto, ora mero registro de banalidades, poucos são os escritores que conseguem manter o interesse pelo que publicam sob esse rótulo. Tenório Telles é um desses casos raros, produzindo crônicas de alto valor literário, conforme atestam estas poucas mais de duas dezenas de textos, reunidos sob título tão instigante: *Viver*. (TELLES, 2014, p.7)

Viver também é o título da primeira crônica do livro.

Viver é mais do que passar pela vida, como uma nuvem ou uma pedra. É ser no mundo, participar do mundo, enraizar-se no mundo. Viver é tomar partido. Tomar partido do bem, da beleza, da mudança. Tomar partido do outro, do chão em que acordamos para o mistério do mundo. É tomar partido das florestas, dos pássaros e das águas. Viver é acreditar que é possível construir um mundo mais limpo e justo. (TELLES, 2014, p.11)

Na ocasião da primeira edição, o jornal D24am publicou uma elogiosa matéria, que reproduzimos em parte, a segui:

‘Viver’, o mais recente trabalho de Tenório Telles, é uma coletânea de escritos do poeta. São crônicas plenas de humanidade e esperança de um mundo mais justo. Humanista por natureza, Tenório tece frases como: “Foste abandonado [cachorrinho], a exemplo do que ocorre com tantos outros bichos e seres humanos. Vivias na condição de tantas crianças que habitam as ruas deste país”. Espirituoso, o escritor compartilha sua sabedoria e sensibilidade com os leitores, produz textos, levando a induções acerca de sua visão do mundo e dos homens, seus pontos de vista claros e decentes, suas críticas ferrenhas e sensatas ao que ocorre em sua cidade, seu Estado e seu país. (D24AM, 2011)

A obra mais parece um tratado ético em forma de poesia. Sem dúvida é a cara do seu autor. À diferença de Milton Hatoum, nas crônicas de Tenório Telles podemos ver expressada a posição real do autor, talvez sim ficção, com paixão do real, com esperança de um real mais justo, ético e poético.



O cronista e poeta Tenório Telles termina sua primeira crônica declarando, “Viver é acreditar na força da esperança e da justiça. Viver é crer na força libertadora da claridade, da poesia e da bondade.” (TELLES, 2011, p.13)

Em 2013, aparece o segundo livro de crônicas do autor (do poeta, daquele que é apaixonado pela vida). Trata-se de *Renovação*, mais uma obra editada pela Valer, em Manaus, claro. Desta vez, a apresentação (ou Acontecimento) traz a firma do poeta Elson Farias, que antecede as crônicas selecionadas, sendo *Renovação* a primeira delas. “Tenório Telles cuida dos livros dos outros e se esquece dos seus... transformou-se num acontecimento.” (TELLES, 2013, p.9). E termina o “Acontecimento” com as seguintes palavras, “Se o estilo é o próprio homem, no remoto dizer de Buffon, neste livro o leitor viverá momentos de convívio com o pensamento, a vida, os ideais e sentimentos de um dos mais probos e incansáveis trabalhadores intelectuais de nosso meio.” (TELLES, 2013, p.12)

Em 23 de julho de 2013, por ocasião do lançamento do livro *Renovação*, o jornal *A Crítica* de Manaus publica: “Em sua nova obra, Tenório reúne 38 crônicas que foram publicadas, ao longo de 15 anos, em jornais locais. São reflexões sobre a vida e os acontecimentos cotidianos, ilustradas pelo artista Humberto Rodrigues” (A CRÍTICA, 2013). E continua com uma declaração do autor:

O livro está sendo preparado há mais de dois anos e trata das transformações que todo mundo vive no dia a dia, no trabalho, na vida familiar. Traz também temas sociais. Coincidentemente aconteceram esses fatos todos no País que têm como expressão mais evidente essa ideia de mudança. O que acontece no Brasil é um anseio de renovação da juventude, dos povos com relação à sociedade, aos governantes, as formas de representação política, aos partidos. Então, de repente, a crônica que dá título ao livro simboliza, de alguma maneira, esse momento que estamos vivendo. (A CRÍTICA, 2013)

As reflexões do poeta misturam o momento de mudanças pelo qual está passando a sociedade brasileira, com as mudanças na vida do próprio autor. A obra coincide, também, com período de transições do próprio autor, diz Telles:

Tive que recomeçar, aos 48 anos de idade, uma nova história, num outro espaço, em outra realidade, e isso me causou, em princípio, um receio muito grande, mas que foi fundamental. Não existe vida sem transformação, sem coragem, e não existe o futuro também sem um gesto de ousadia e de negação do passado. (A CRÍTICA, 2013)

O poeta, à semelhança do primeiro livro de crônicas, faz da sua obra, da sua estética, uma arma para combater a injustiça, a falta de ética, o pessimismo. Como um dom Quixote do século XXI, sai do seu refúgio, armado com sua poética, para viver a justiça, para cantar a ética da vida, porque, “A literatura está dentro da vida e não existe escritor isolado do mundo,

alheio e indiferente aos fatos. Todo autor vive uma relação de diálogo com o mundo, uma relação tensiva na qual colhe ensinamentos e aprendizado”, comenta. (A CRÍTICA, 2013).

Mais declarações do poeta-cronista consegue Eliene de Oliveira Belo, como parte do seu trabalho de iniciação científica, que, além de ter estudado as crônicas do poeta, teve um encontro com ele. Belo comenta, “Mesmo tendo uma vida agitada, na manhã de 18 de abril de 2015, Tenório Telles gentilmente cedeu uma entrevista, que ocorreu na livraria Valer, localizada na Rua Ramos Ferreira, 1195, centro de Manaus. (BELO, 2016, p.67). Dentre outras declarações, a pesquisadora compartilha com o leitor suas anotações:

Quando escreve, Tenório diz buscar inspiração em seu desejo de falar sobre o mundo em que vive, tendo necessidade de verbalizar suas apreensões, seu assombro, sua indignação diante de um mundo tão barbarizado, tão violento, tão indiferente à vida, tão cruel com as pessoas, com os seres humanos, com uma sociedade tão injusta, com um sistema político tão desumano. Escrever, segundo ele, é uma forma de resistência, de atribuir um significado à sua vida, de conseguir força, ânimo para continuar vivo e combatendo todas essas afrontas. Em suma, o que impulsiona sua escrita é o desejo de dizer não a tudo isso, testemunhando sobre essa realidade que acontece no seu tempo, na sua terra, no seu país. (BELO, 2016, p.68)

Observamos nestas palavras a inquietação ética que impulsiona a escrita do nosso poeta. Desta maneira, podemos constatar a possibilidade de outro tipo de crônicas, tão estéticas quanto as ficcionais, trata-se das crônicas poéticas de Tenório Telles, que termina sua primeira crônica, “Renovação”, com as seguintes palavras, “Talvez seja o momento de buscarmos o coração perdido, o espírito de compaixão adormecido em cada um de nós. Nos bichos, nas pedras, nas flores, nas estrelas. E em ti, caro leitor.” (TELLES, 2013, p.17).

### 2.3 JOSÉ ALDEMIR

Como terceiro exemplo de cronista/crônicas manauaras, damos a palavra ao amazonense José Aldemir de Oliveira: “quero ser apenas uma voz na cidade entre muitas que aqui se fazem ouvir” (Oliveira, 2011, p.11). Professor titular da Universidade Federal do Amazonas desde 1986; dedica seu tempo a estudar a cidade; é o líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira - NEPECAB. Além do trabalho acadêmico, José Aldemir continua suas reflexões urbanas no seu tempo livre (ou inventado), escrevendo maravilhosas crônicas quinzenais em jornal. Algumas destas aparecem na seleção publicada em 2011, também pela editora Valer, com o título de *Crônicas de Manaus*. “Da janela diante dos olhos, a chuva passa, a cidade move-se e acomete-lhe o passado” (OLIVEIRA, 2011, p.19). Professor de geografia, um homem apaixonado pela cidade, dedica 21 crônicas a

Manaus; esta primeira parte traz o título de “Lugar”. A segunda parte é dedicada a sua gente (manauaras ou não); são 22 crônicas que falam de personagens anônimos, sem os quais Manaus não seria Manaus; esta parte chama-se “Gente”. Para concluir, o livro nos oferece três sublimes declarações de amor; com o nome “Amores”, porque Manaus não é apenas uma, é múltipla, como múltiplos são os amores do cronista pela cidade que o acolheu.

Em trabalho de iniciação científica, Manoela Rodrigues, que faz um estudo e análise do livro de crônicas de José Aldemir, apresenta cada uma das três partes. Para “Lugar” nos revela:

Nesta primeira parte o autor nos mostra a cidade de Manaus, com suas particularidades, alguns textos são compreendidos somente por manauaras, como é o caso da crônica *Mapa de Manaus*, página 15, nela o autor fala dos bairros, porém ele incorpora os nomes dos bairros no texto de forma de que, quem não conhece Manaus, não percebe que está se referindo a eles. Como neste pequeno parágrafo: “Que saudades da praça, da alvorada do dia no bairro, de colher flores na chapada e de cultivar o lírio no vale.” Nele temos os nomes de quatro bairros de Manaus: Alvorada, Flores, Chapada e Lírio do Vale. Neste outro parágrafo: “Quero liberdade para subir o morro, contemplar a colina do Aleixo, do planalto ver os campos dos elísios, colher buriti na vila e trepar na árvore de acariquara.”. Aqui outros seis nomes de bairros: Morro da Liberdade, Colina do Aleixo, Planalto, Campos Elísios, Vila Buriti e Acariquara. E assim o autor monta um mapa da cidade com os nomes de seus bairros. (RODRIGUES, 2017, p.12-13)

Uma das características da crônica urbana é essa cumplicidade entre autor e leitor. O cronista fala de acontecimentos, lugares e personagens que o leitor conhece. Para ler e entender uma crônica faz-se necessário, além do saber da língua em que ela está escrita, o saber do dia a dia da urbe; saber este muito mais prático do que teórico.

Manoela Rodrigues prossegue sua pesquisa:

Nesta segunda parte o autor fala de gente, mas especificadamente, dos habitantes de Manaus, que são pessoas anônimas, mas que em suas crônicas são colocadas como protagonistas, com histórias de vida são dignas de serem registradas em forma de crônica. Essa é uma das características da crônica, falar de pessoas, e não de personagens, para isso faz-se presente o uso de recursos literários que vão desde os recursos fonéticos; semânticos; morfológicos e sintáticos. Esses recursos, quando bem empregados, comove o leitor, como se ele próprio estivesse se vendo ali. Bem como os lugares em que se sucedem os fatos, quando descritos de maneira intensa e verossímil. (RODRIGUES, 2017, p.14)

A pesquisadora destaca o apropriado uso dos recursos linguísticos, por parte do cronista, para alcançar um dos seus objetivos, no caso, aproximar-se do leitor, transformando-o em mais um integrante do acontecimento narrado, o leitor vivencia a leitura (o momento), comove-se.

Num momento mais poético, José Aldemir faz três declarações de amor. É a última parte do livro, sobre o qual Manoela Rodrigues expõe:

Este último capítulo do livro é composto por apenas três crônicas: *Carta(grafia) de amor*, *Minha menina* e *O amor que se vai mas não acaba*. Em *Carta(grafia) de amor*, página 107, nos deparamos com uma crônica da qual o autor anuncia seu amor. Inicialmente o leitor pode achar que é uma carta de amor, dedicada a uma mulher. Porém, de forma implícita, o autor declara-se à cidade de Manaus “feliz cidade sofrida”. Constantemente se refere a cidade por: “ela”, “dela” e “nela”. Ressalta seu desejo de viver na cidade, porém critica suas mazelas, como a falta de praças e a insegurança das ruas. O autor também exalta as suas raízes, e que, apesar de tudo, se faz necessário festejar. E que não importa o calor, tem copa, festas juninas e boi-bumbá. (RODRIGUES, 2017, p.16)

Nos seus livros científicos-acadêmicos, o professor e pesquisador deve ser objetivo, de certa forma frio; mas o cronista é homem de letras, escreve literatura, textos com valor estético, assume seu lado poético. O cronista é um andarilho na cidade que ele percorre, sente e ama.

Assim como a personagem de “Memória de sabores”, sétima crônica, todos os textos “conversam sobre o dia a dia na cidade grande, as dificuldades, as mudanças, as esperanças perdidas e os sonhos realizados.” (OLIVEIRA, 2011, p.23). Na visão do autor, “a cidade corresponde a uma imagem simbólica que pode ser relacionada às várias dimensões dos sentidos. As cidades cheiram o que nos possibilita identificar partes pelo seu aroma dando conteúdo aos lugares como espaço dos aconteceres” (OLIVEIRA, 2011, p.25).

O cronista anda a ermo pela urbe à procura desses aconteceres com a finalidade de encontrar a vida nesse espaço de concreto. Porque a cidade é mais do que sua arquitetura, suas ruas e avenidas, é sua gente, é sua vida: “é necessário reinventar a cidade para a vida” (OLIVEIRA, 2011, p.28). A crônica relata um instante da cidade, um instante dessa gente, um instante de memória, de emoções, de sentimentos: “Um tempo que não é apenas cronológico, mas um tempo vivido que contém nossas emoções e sentimentos.” (OLIVEIRA, 2011, p.29). Ou seja, as crônicas de José Aldemir nos revelam a vida, seja falando da cidade (prédios, praças e ruas), seja falando da sua gente (ilustres desconhecidos; típicos manauaras). Onde há prédios, praças, ruas e gente, há vida, há cidade. Porque cidade sem vida é cidade-fantasma, e estas últimas não têm crônicas nem cronistas. Se há vida, haverá um cronista para desvendar algum instante sublime, mesmo na periferia, mesmo quase na área rural, num lugar “rurbano” (OLIVEIRA, 2011, p.46), um lugar meio campo e meio cidade, se há vida haverá crônica. A cidade é vida, e como tal é um encanto, pois “Tu és todo os cantos o lugar de encantos” (OLIVEIRA, 2011, p.53).

E assim nos deparamos com outro tipo de crônicas, as que eu chamaria de crônicas tipicamente urbanas, as que nos falam de um instante da urbe, da vida na cidade grande, da paixão pelo lugar do movimento acelerado, dos encontros e desencontros, as crônicas de José Aldemir. Para este ano de 2017, o geógrafo urbanista e cronista, nos promete seu tão esperado segundo livro de crônicas urbanas, crônicas de Manaus, *Crônicas da minha (c)idade*, desta vez, pela Letra Capital Editora. Um (quase) livro, de (quase) crônicas, para nós (quase) leitores.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos observar nos três momentos trazidos aqui, este gênero híbrido, chamado crônica, nos surpreende com vários tipos de relatos: ficcional (ou memória inventada por um ficcionista), poético (ou tratado ético redigido em versos ou prosa por um poeta) e propriamente urbano (crônicas urbanas por um geógrafo urbanista). Sabemos que há outros tipos de crônicas, com suas características específicas; assim como também sabemos que há outros cronistas que nos falam do dia a dia manauara. Nossa intenção, desta vez, foi, a modo de exemplo, apresentar, de uma maneira rápida (própria de um artigo de revista), as obras de três cronistas contemporâneos, que têm em comum a paixão pela vida, por Manaus, pelas letras e pela publicação de seus textos, não só em jornais ou internet, como também em livros. Pois, a boa crônica se perpetua no livro, para além dos afetos jornalísticos.

### REFERÊNCIAS

- A CRÍTICA. **Tenório Telles lança coletânea de crônicas 'Renovação'**. Manaus: 23.jul.2013. Disponível em: [http://acritica.uol.com.br/vida/Manaus-Amazonas-Amazonia-Tenorio-Telles-coletanea-cronicas-Renovacao\\_0\\_961103934.html](http://acritica.uol.com.br/vida/Manaus-Amazonas-Amazonia-Tenorio-Telles-coletanea-cronicas-Renovacao_0_961103934.html). Acesso em: 04 abr. 2016.
- ASSIS, Machado de. "O nascimento da crônica" in **As Cem Melhores Crônicas Brasileiras**. Organização e introdução de Joaquim Ferreira dos Santos. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2007.
- BELO, Eliene de Oliveira; CELEDON, Esteban Reyes. **Análise dos aspectos existentes no livro de crônica de Tenório Telles Viver**. Revista Decifrar (ISSN 2318-2229), Manaus, v. 4, nº 7, p.56-72, Jan/Jun-2016.
- CULT. **Revista Cult: Milton Hatoum, um cronista à espreita**. (entrevistado por Mariana Marinho). Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2013/07/milton-hatoum-um-cronista-a-espreita/> Acesso em: 10 mar. 2016.
- D24AM. **Manaus lembra o radialista Josué Cláudio de Souza**. 20.nov.2010. Disponível em: <http://www.d24am.com/amazonia/historia/manaus-lembra-o-radialista-josue-claudio-de-souza/11400>. Acesso em: 23 de mar. 2016.

D24AM. **Tenório Telles apresenta novo livro na Saraiva MegaStore.** Manaus: 12.jul.2011. Disponível em: <http://www.d24am.com/plus/literatura/tenorio-telles-apresenta-novo-livro-na-saraiva-megastore/28858>. Acesso em: 23 de mar. 2016.

HATOUM, Milton. **Um solitário à espreita: crônicas.** 1ª. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

HATOUM, Milton. Milton **Hatoum, página do autor.** Disponível em: <http://www.miltonhatoum.com.br/> Acesso em: 10 de mar. 2016.

JORNALISTA. **História do jornal.** Disponível em: <http://www.jornalista.com.br/historia-do-jornal.html>. Acesso em: 29 de nov. 2017.

OLIVEIRA, José Aldemir de. **Crônicas de Manaus.** 1ª. ed. Manaus: Editora Valer, 2011.

POVOSDAMAZONIA. **O espião do Rei - 1950 e 2002.** Disponível em: <http://www.povosdamazonia.am.gov.br/marioypiranga/java/includes/07.html>. Acesso em: 23 de mar. 2016.

RODRIGUES, Manoela da Silva. **Lugares, Gente e Amores nas crônicas manauaras de José Aldemir de Oliveira.** Trabalho de iniciação científica PIB-H/0085/2016. Orientador Esteban Reyes Celedón. UFAM. Manaus, 2017.

TELLES, Tenório. **Renovação.** 1ª. ed. Manaus: Editora Valer, 2013.

TELLES, Tenório. **Viver.** 3ª. ed. Manaus: Editora Valer, 2014.

TELLES, Tenório. **Blog do escritor Tenório Teles.** 2009. Disponível em: <[tenoriotellesblog.wordpress.com](http://tenoriotellesblog.wordpress.com)>. Acesso em: 28 de mar. 2016.

YOUTUBE. **Livros 60: Um solitário à espreita - Milton Hatoum.** (entrevistado por Rodrigo Simon). Publicado em: 30 de jul. 2013. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=o2b7nFLkL\\_4](https://www.youtube.com/watch?v=o2b7nFLkL_4). Acesso em: 26 de mar. 2016.